



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

As condições de participação de Mário de Andrade e outros ex-líderes do MPLA no “I Colóquio Internacional: a Formação da Nação nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe (1986))”

Giselda Brito Silva¹

Resumo: Este trabalho enfoca temas, participações e o debate no *I Colóquio Internacional: a Formação da Nação nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe (1986))*, objetivando analisar temas, lugares enunciativos e as condições discursivas de alguns dos participantes. Nosso trabalho enfoca o caso de Angola, particularmente a situação de Mário de Andrade e outros companheiros, considerando suas situações frente ao governo instituído em Angola, que lhe impunha o exílio após conflitos que tivera com Agostinho Neto e outros líderes do MPLA, em torno da *Revolta Activa* e do 27 de maio de 1977. Conforme veremos, o evento recebeu delegações de cada uma das ex-colônias portuguesas com o objetivo central discutir a formação das nações e as sequelas deixadas pelo tipo de colonialismo português implementado sobre as colônias africanas, com a participação de personalidades importantes do processo de lutas e libertação colonial. Como se sabe este processo não foi simples e envolveu muitos conflitos externos e internos dos movimentos de libertação, que resultou em condições muito específicas para a formação das nações, objeto de debate do Colóquio. No caso de Angola, chama-nos a atenção o silenciamento sobre estes conflitos, a repressão e a censura que se desencadeou contra alguns destes participantes, num evento que se propunha a discutir a complexidade das independências e as condições de formação das nações em resultado ao seu processo de libertação, passando-se uma imagem de que o único problema era resultante do colonizador e de seus meios de dominação colonial. Para conhecer analisar esta situação no *I Colóquio Internacional dos Cinco*, procuramos analisar alguns documentos do evento, tais como: o Caderno da Programação; os Anais; Fichas de participantes e as Atas das Sessões dos Trabalhos e de Encerramento. Para abordar o lugar enunciativo e as condições de participação de Mário de Andrade e outros companheiros que formaram oposição à liderança de Agostinho Neto, conhecida como “*Revolta Activa*” durante o processo de independência, e a consequente repressão daí decorrente, selecionamos correspondências, artigos de jornais, memórias escritas e orais de participantes e ex-militantes do MPLA, de ambos os lados, e o Arquivo Mário de Andrade disponibilizado pela Fundação Mário Soares.

Palavras-Chaves: Colóquio; Nacionalismo Angolano; Mário de Andrade.

Las condiciones de participación de Mário de Andrade y otros exdirigentes del MPLA en el “I Coloquio Internacional: la Formación de la Nación en los Cinco (Angola, Cabo Verde, Guinea-Bissau, Mozambique y Santo Tomé y Príncipe (1986))”

Resumen: Este trabajo se centra en los temas, las participaciones y el debate en el Primer Coloquio Internacional: la Formación de la Nación en los Cinco (Angola, Cabo Verde, Guinea-

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

Bissau, Mozambique y Santo Tomé y Príncipe (1986), con el objetivo de analizar temas, lugares enunciativos y las condiciones Declaraciones discursivas de algunos de los participantes del MPLA, en torno a la Revolta Activa y el 27 de mayo de 1977. Como veremos, el evento recibió delegaciones de cada una de las ex colonias portuguesas con el objetivo central de discutir la formación de las naciones y las consecuencias que dejó el tipo de colonialismo portugués implementado sobre las colonias africanas, con la participación de importantes personalidades en el proceso de lucha y liberación colonial, como es sabido, este proceso no fue sencillo y complicado. Fueron muchos los conflictos externos e internos de los movimientos de liberación, que dieron como resultado condiciones muy específicas para la formación de las naciones, objeto de debate en el Coloquio. En el caso de Angola, lo que llama nuestra atención es el silenciamiento de estos conflictos, la represión y censura que se desató contra algunos de estos participantes, en un evento que proponía discutir la complejidad de la independencia y las condiciones para la formación de las naciones como resultado de su proceso de liberación, dando una imagen de que el único problema provenía del colonizador y sus medios de dominación colonial. Para saber cómo analizar esta situación en el I Coloquio Internacional dos Cinco, tratamos de analizar algunos documentos del evento, tales como: el Cuaderno de Programación; los Anales; Formularios de participantes y Actas de las Sesiones de Trabajo y Clausura. Para abordar el lugar enunciativo y las condiciones de participación de Mário de Andrade y otros compañeros que formaron oposición al liderazgo de Agostinho Neto, conocido como “Revolta Activa” durante el proceso de independencia, y la consecuente represión resultante, seleccionamos correspondencia, artículos de periódicos, memorias escritas y orales de participantes y ex militantes del MPLA, de ambos os bandos, y el Archivo Mário de Andrade puesto a disposición por la Fundación Mário Soares.

Palabras Llave: Coloquio Internacional; Nacionalismo Angola; Mário de Andrade.

Em 09 de janeiro de 1986, ocorreu na República da Guiné-Bissau o “*I Colóquio Internacional: a Formação da Nação nos Cinco - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*”, reunindo intelectuais e líderes africanos para debater as complexas questões da formação nacional das ex-colônias portuguesas, as especificidades de seus processos de libertação colonial, os conflitos e problemas internos daí decorrente e ainda vigentes na década de 1980.

O evento começa com a definição do objetivo central: a promoção de um debate que apresentasse formas de cooperação científica para questões e debates que pudessem contribuir para a busca de caminhos e solução dos problemas internos nos *Cinco*, observando-se as particularidades da transição das condições coloniais para a formação nacional. Os participantes deveriam apresentar os trabalhos no formato de *Comunicação Oral* para o público acadêmico e político, também formado por delegações representantes dos cinco.

A abertura do evento é feita pelo Diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), Prof. Carlos Lopes, que destacou a presença do “*Camarada Presidente da Sessão, Camaradas Ministros e Membros do Governo, Senhores Embaixadores e Membros do Corpo Diplomático e Estimados Delegados e Participantes*”^{II}, entre outras personalidades que participavam do evento. Em seu discurso ele faz uma síntese dos temas a serem debatidos,

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

particularmente acerca da busca de unidade africana, considerada de suma importância para colaborações frente ao complexo processo de transição de espaços coloniais portugueses para Estados nacionais.

Outro tema citado na abertura, que faria parte do debate, estava relacionado às reivindicações dos grupos populares que formavam o complexo de diferentes etnias e culturas multilinguísticas, inseridas nas divisórias territoriais impostas pela política colonialista, especialmente as situadas nas fronteiras, ainda sem definição de suas situações após suas participações nas lutas para Independência. Na leitura de algumas Comunicações, observamos que a questão da formação de uma “Consciência Histórica” entre os povos foi a mais evocada pelos participantes. Carlos Cardoso^{III}, representante da Guiné-Bissau, foi um dos participantes que evocou o debate para a problemática da diversidade étnica como fundamental para a formação de uma unidade e “consciência nacional” afirmando que

em África, a descrição da tentativa de caracterizar os grupos étnicos vivendo num determinado território, utilizando a mesma língua e professando a mesma religião como nações, a problemática da integridade nacional bem como de processos étnicos revela-se como um dos maiores depois das lutas independentistas. No caso concreto da Guiné-Bissau a interrogação que muitas das vezes se põe é se vivemos numa formação social multinacional ou se, antes de mais, estamos em presença de grupos étnicos cujos processo de transformação são caracterizados mais por um desenvolvimento rumo a uma integração nacional do que em direção a uma consolidação étnica.^{IV}

Nesta mesma linha, também representando a Guiné-Bissau, Diana Lima Handem (INEP) traz ao debate o tema d’A Luta de Libertação e a Formação da Nação Guineense”, enfocando a problemática da divisão e diferenças culturais das populações fechadas na dita Guiné portuguesa, terreno gerado pelo colonialismo, que o PAIGC, ao desencadear a luta de libertação nacional vai tentar construir a nação. Para ela, a questão era um paradoxo. Pois, “como podia se lançar a luta nacional sem ter uma nação? [...] quem se reconhecia guineense? Qual identidade podia reivindicar o conjunto do território e apresentar a legitimidade da sua autoridade sobre este território? [...]”. Contudo, apesar de reconhecer o paradoxo, ela considera que se pode afirmar “a legitimidade da acção do PAIGC, do ponto de vista político como histórico [...] pela aspiração comum à liberdade. [...] É desta unidade, baseada na vontade comum da libertação do jugo colonial, que vai nascer a luta que vai emergir a consciência nacional”.^V

Esta abordagem da consciência histórica no âmbito da diversidade das identidades étnico-culturais também foi abordada por Eduardo J. Barros, da Universidade de Londrina (Brasil) e participe do evento. Ele começa sua Comunicação afirmando que “ao analisar o importante aspecto da formação da Nação nos ‘Cinco’ [...] não seria desproporcional debater o tema das alteridades e das diferenças com as relações interculturais e interétnicas que constituem um aspecto fundamental de várias nações contemporâneas, sendo parte integrante da formação da sua estrutura social”.^{VI} Defendia-se que estas questões estavam diretamente ligadas à situação compartilhada pelas ex-colônias africanas ocupadas e organizadas sob as regras de uma exploração econômica, social e cultural da política colonial portuguesa sob o regime ditatorial salazarista.^{VII} Conforme procuraremos destacar mais adiante, Mário Pinto de Andrade também participa do evento enfocando a questão da formação de uma *consciência histórica* como condição para a unidade nacional nas ex-colônias portuguesas.

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

Já o tema dos conflitos internos, ligados à manutenção da luta armada e da violência envolvendo os grupos no poder e a oposição depois da independência, e que determinavam a situação das etnias e da formação de uma nacionalidade, não chega a ser desenvolvido no evento, ainda que tenha sido apontado como um dos temas do debate. Carlos Lopes, na abertura, afirmou que o evento tinha por objetivo a interpretação “dos fenômenos políticos contemporâneos das nossas sociedades, as relações de poder e as contradições de interesse existentes, como todos os mecanismos da transição de movimento de libertação nacional para a construção de um Estado”.^{VIII} Era imperativo, portanto, concluía ele, refletir os conflitos ainda presentes nas guerras de Angola e Moçambique, assim como apontar caminhos para a unidade nacional frente às questões étnico-culturais e as disputas políticas. O tema, contudo, não aparece nos debates.

Mário de Andrade, como um dos personagens centrais dos conflitos armados internos do processo de independência em Angola, pertencente a grupos de oposição que se tornaram objeto de controle e repressão do novo governo angolano, argumenta em sua Comunicação que todos os conflitos derivavam do tipo de colonialismo português imposto às colônias, sendo essencial debates acerca da formação de uma *consciência histórica*. Isso porque, em sua percepção, a formação da *nação* estava interligada ao amadurecimento da consciência de *identidade nacional*, aprofundando a mesma que foi produzida para fomentar as lutas de libertação. Para ele, o problema é de influência externa e resultado da ainda presença do colonialismo nos espaços independentes. Considerava que o processo de transição ainda não estava pronto, havendo necessidade de concluir a independência em relação ao colonizador que, sob o novo regime depois do 25 de abril de 1974, havia estabelecido novas relações para o reconhecimento da independência de Angola, que se oficializa em 11 de novembro de 1974. Angola e as demais ex-colônias africanas, portanto, deveriam sob sua ótica serem analisadas sob os fundamentos teórico-filosóficos do marxismo, para buscar os caminhos a serem tomados para a formação da “*Consciência Histórica, Identidade e Ideologia na formação da Nação*”, sem as quais não seria possível haver libertação e independência através de acordos com os históricos exploradores-colonizadores.^{IX} Estas questões estavam na base de seus embates com a nova liderança do MPLA no processo de libertação. Para que possamos compreender melhor seus posicionamentos no evento, vejamos alguns dos aspectos dos conflitos enfrentados no processo de transição que lhe levam ao exílio. Para que, considerando estes eventos, possamos compreender seu lugar enunciativo no evento em 1986.

No processo de transição em Angola: os conflitos entre Mário de Andrade e Agostinho Neto

Para tratar dos eventos imediatamente anteriores ao evento, enfocaremos aqui apenas os conflitos dos anos 1970 mais emblemáticos dos conflitos envolvendo Mário de Andrade, geradores de sua saída para o exílio. É senso comum, entre alguns que rememoram a relação de Mário de Andrade com Agostinho Neto na base do MPLA, que ambos começaram uma relação afinada por ideais de libertação de Angola, desde a criação do Centro de Estudos Africanos, em Lisboa, assim como através de atividades que estendiam à Casa dos Estudantes do Império, até o momento do controle e repressão da ditadura salazarista, nos anos 1940-50, quando seguem caminhos diferentes para continuidade da luta anticolonial, com pontos de encontro e muitos desencontros.

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

Entre alguns que relatam aspectos do desenrolar dos conflitos entre eles, no âmbito do MPLA, destacamos a de Manuel Videira e Adolfo Maria, pertencentes ao *Grupo dos Dezenove* e organizadores de manifestos intelectuais de oposição, através da conhecida *Revolta Activa*, do qual Mário de Andrade também fez parte. De acordo com os depoimentos e documentos, a perseguição e repressão ao Grupo tem maior impacto depois de maio de 1974, quando este grupo se torna oficialmente objeto de controle da DISA (Polícia Política de Angola). No período de 1974 a 1986, a oposição viveu um clima de violenta ação repressiva por parte do novo regime. Estranhamente estes eventos não são objeto de debate no evento em 1986 por Mário de Andrade, que vive suas consequências no exílio, apesar do tema dos conflitos internos constar na programação do evento. Para os que o conheceram, é importante considerar sua visão de mundo, sua personalidade mais voltada para projetos de reconciliação, da tolerância e do diálogo, conforme reflexões de Vitor Ramalho.^X Noutras memórias também é destacada sua personalidade de intelectual, seu enfoque para a base teórico-filosófica marxista do processo de libertação colonial e os seus desdobramentos, que o levava sempre a buscar a reflexão das coisas e pensar teórica e filosoficamente os caminhos a propor. Mas, não apenas isso. Outros chamam a atenção para os silenciamentos decorrentes de sua oposição a Neto, ao regime do MPLA e à sua condição de exilado.

Em 2008, Carlos Lopes, Diretor do Colóquio dos “Cinco” em 1986, ainda demonstrava preocupação com os conflitos internos decorrentes do processo de independência, lamentando a divisão entre antigos companheiros, intelectuais e militantes que compartilhavam a experiência das lutas pela libertação, considerando que tais conflitos foram definidores dos novos problemas de Angola. Para ele, estas questões internas, que mais eram disputas pelo poder conduziram o processo de libertação, fragilizando posições de lideranças importantes para a formação de um projeto intelectual e teórico para a unidade nacional, a exemplo de Mário de Andrade:

Não tenhamos ilusões: os intelectuais africanos estão divididos, suas propostas têm crédito reduzido, suas respostas são tentativas, o seu papel ainda muito desprezado, e sua influência, por consequência, bastante limitada. É minha convicção que o exemplo de Mário de Andrade é significativo, nomeadamente para nós do espaço lusófono, para entender os atuais desafios dos intelectuais africanos.^{XI}

Personalidades angolanas também chamam a atenção para os “silenciamentos” da história oficial de Angola em torno dos processos de libertação e de independência. Manuel Luamba, investigador da Universidade Católica de Angola, em entrevista publicada em 2018, é um dos que considera que a própria história da independência de Angola “tem sido prejudicada pelos filtros” que o atual regime define na seleção de personalidades, memórias e eventos que fizeram parte das lutas de libertação, omitindo personalidade e suas lutas da história oficial de Angola. Segundo ele, como fundador do movimento de libertação de Angola (MPLA), nos anos 1950 ainda no exterior, Mário Pinto de Andrade teria elaborado e participado de planos para uma ação ideológica, intelectual e de lutas armadas para a independência de Angola. Sua participação na base do Movimento, contudo, teria sido silenciada após os enfrentamentos com Agostinho Neto, que assume o poder político após a Independência. Estas reflexões, e de outros como veremos, levam-nos a considerar que o desenrolar dos debates no Colóquio Internacional dos *Cinco*, em que os participantes abordaram os conflitos internos envolvendo apenas as etnias e o tema da *consciência histórica*, são representativas das

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

condições enunciativas dos participantes de espaços ainda em conflito, particularmente para aqueles que ainda viviam sob a condição de exilado do regime em vigor.

Em 2018, Manuel Luamba ainda chamava a atenção para os silêncios acerca destes conflitos internos, que “em Angola, os cidadãos comuns pouco ou quase nada sabem sobre o fundador do MPLA”. Em suas palavras, apenas “meia dúzia sabe” que os contatos de Mário Pinto de Andrade com os movimentos independentistas africanos começaram em Paris, ainda nos anos 50, quando ele teria se desdobrado para firmar contatos em Argel, Casablanca, Acra e Conacry para a consolidação do movimento em 1960, tornando-se o primeiro presidente do MPLA. Ele lembra que Mário Pinto de Andrade foi a base teórica e ideóloga do MPLA, não apenas ele, e acrescenta o caso de Viriato da Cruz. Para ele, “o MPLA está em falta com a sua história, precisando se reencontrar com a sua história”. Em Angola, declara, não se fala sobre Mário Pinto de Andrade como primeiro presidente e fundador do MPLA. Só para se ter uma ideia, sobre as paredes das instituições há apenas as fotografias de Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos. Também pouco se fala sobre ele nas datas históricas do país.^{XII}

Sobre a situação de Mário de Andrade e os silenciamentos envolvendo os conflitos internos do MPLA, nos quais consta como uma das figuras centrais, também destacamos o relato de Edmundo Rocha (Lisboa, 2010), apresentado numa Palestra na Fundação Mário Soares, acerca da crise política interna no seio da MPLA. Seu relato é bastante longo, porque tenta historiar as razões dos conflitos entre estas duas figuras centrais das lutas de libertação de Angola. Contudo procuramos separar um trecho considerado significativo para uma compreensão da situação de Mário de Andrade:

A luta pela Unidade do movimento nacionalista foi sempre uma constante nas preocupações de Mário, recebendo de Holden Roberto uma recusa brutal. Por outro lado, a ofensiva desencadeada pela UPA, acusando o MPLA de ser um ‘movimento de mestiços, filhos de colonos’, teve como consequência o afastamento da Direcção Provisória de três dirigentes mestiços: Viriato, Lara e Eduardo Santos. Apesar de mestiço, Mário conservou o seu lugar de Presidente. A chegada de Agostinho Neto em terras africanas, em Rabat (Marrocos), foi para Mário e para Lara a ocasião para saudarem ‘aquele que todos nós consideramos como o chefe do nosso movimento e o Homem capaz de unificar os movimentos desunidos’. [...] A chegada de Neto [contudo] altera o ambiente de unidade e de fraternidade no seio da direcção. O primeiro conflito se dá entre os dois líderes – Viriato e Neto – criando uma dinâmica negativa que iria conduzir à implosão do Movimento. Neto, eleito na 1ª Conferência Nacional, recusa-se a trabalhar com Viriato e afasta-o. Mário, um conciliador nato, não intervém na contenda. Foi um erro. Viriato rompe com a Direcção de Neto e de Mário, afasta-se arrastando consigo uma centena de militantes, os quais são acolhidos por Holden, embora esta união contra-natura nunca tenha realmente funcionado. [grifo nosso]

O MPLA implode e é expulso do Congo. Dezenas de quadros procuram refúgio na Argélia, no Ghana, no Congo Brazzaville, em Marrocos... Mário, chocado com a criação da FDLA [Frente Democrática de Libertação de Angola] por Neto, sem ser consultado, afasta-se também e refugia-se em Argel. [Ele] voltaria, no entanto, a juntar-se a Agostinho Neto, na Frente Leste, em 1971, num período de grandes dificuldades provocadas pela ofensiva do exército colonial. Mário apercebe-se, então, das insuficiências, lacunas e improvisações na direcção da luta de libertação, nas três frentes armadas distantes de milhares de quilómetros umas das outras. [...] Associa-se com entusiasmo ao movimento de crítica e de contestação à condução da luta, lançado por Gentil Viana, recém-chegado da China Popular. Esse movimento, a ‘Revolta Activa’, mobilizou a maior parte dos quadros políticos na IIª. Região Militar e pôs em

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

risco a liderança de Neto, numa altura em que eclodia, em Portugal, a Revolução dos Cravos, a qual modificou totalmente o contexto político português e angolano. [...] Neto assina, então, a cessão das hostilidades com a delegação militar portuguesa dirigida pelo Capitão Pezarat Correia e entra, triunfalmente, em Luanda, no dia 4 de fevereiro de 1975, perante o delírio da população.

Mário de Andrade, Gentil Viana e os seus amigos na ‘Revolta Activa’ acabam por sair, de todo este processo, muito fragilizados e profundamente perturbados. [...] As coisas estavam feias para eles e vivia-se um clima de medo. [...] Mário toma, então, a decisão de sair do seu país, graças ao seu passaporte argelino. Nunca mais regressaria vivo [...].^{XIII}

Em 31.08.1990, momento de recepção de seu corpo sem vida do exílio, estas questões ainda eram ponto da reflexão das perdas de rumo de um dos líderes do sonho da libertação angolana e da formação de uma unidade nacional “que todosoubessem”. Victor Ramalho, advogado natural de Angola, é o autor de uma matéria no periódico *Jornal*, que nos conta aspectos fortes de sua personalidade intelectual e militante da libertação de Angola. Ele considera que há em Angola lugar para todos, pela sua riqueza natural, porém o que se vê é a crueldade da guerra que semeia a morte, lança a destruição, instala a fome e obriga ao exílio os melhores dos seus filhos: Mário de Andrade.^{XIV} Tendo encabeçado a “*Revolta Activa*” porque “não aceitava ser espectador da guerra fratricida que o seu país está a atravessar. Acreditando na capacidade dos angolanos dialogarem entre si, empenha-se, através do Manifesto da *Revolta*, pelo Estado de direito e da democracia, por uma Angola reconciliada”, mas, morre sem ver esta Angola que sonhava:

As relações difíceis que a partir de 1961 passa a ter com a direção do movimento que ajudara a criar, as cisões que entretanto ocorreram levam-nos a subscrever em maio de 1974, um documento de militantes descontentes com o rumo dos acontecimentos, que vinha há muito sendo discutido e preparado, em que se apelava à democratização interna do MPLA. Os militantes subscritores desse apelo, que expressa a posição da “*Revolta Activa*” são mais tarde presos ou têm de se exilar e por isso é fugaz a presença de Mário de Andrade em Luanda, onde entra e tem de sair no ano de 1975.^{XV}

A essência e objetivos da “*Revolta Activa*” foram lançados em Angola por *Manifesto*, produzido em 11 de maio de 1974, sob o título “*Apelo a todos os militantes e quadros do MPLA*”. Assinam o documento os *Dezenove* militantes do quadro do MPLA: Adolfo Maria, Amelia Mingas, Ana Wilson, Antonio Menezes, Armando Kanga, Rev. Domingos da Silva, Eduardo Santos, Floribert Monimaneu, Gentil Viana, Hugo Menezes, Inacio Mulambo, João Vilira Lopes, Luis Carmelino, Manuel Videira, Maria do Céu Carmo Reis, Maria Filipe, Pedro Kanga, Virgilio Zulumongo (Kivuvu) e Mário de Andrade, todos ocupavam cargos dentro da MPLA, com atuação na luta armada na Frente Norte e Frente Leste. Pelo “*Apelo*”, o grupo alerta contra os novos acordos com o colonialismo português, após o golpe de 25 de abril e contra os posicionamentos individualistas e autoritários de Agostinho Neto, à frente da Presidência do MPLA.

Este grupo chamava a atenção para o estado de desagregação no processo de continuidade da luta de libertação nacional até a independência completa de Angola, acusando os que encabeçavam o processo de estar se desviando dum campo de união. Queixavam-se de posturas ditatoriais da direção que “ameaça gangrenar, irremediavelmente, todo o corpo social da organização”. O documento, de 41 páginas (em três línguas portuguesa, francesa e inglesa),

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

descreve grande preocupação da oposição com os acordos que estavam sendo estabelecidos com Portugal sob o novo regime, como indicativo do perfil autoritário do Presidente do MPLA, Agostinho Neto. Diante do exposto, conclamava a massa de militantes do Movimento para uma “Revolta Activa”. Conclamavam para a continuação do processo de Independência completa até a formação nacional de uma Angola livre e africana. Neste particular, defendiam a formação de uma “Frente Unida para a Independência de Angola”, para o alcance de uma “Angola LIVRE, UNIDA, DEMOCRÁTICA, PROSPERA E AFRICANA”.^{XVI}

O documento também denuncia desvios de interesse para a população dentro da Presidência do MPLA, afirmando que “[...] o corpo social da organização estava minado pelo espírito do racismo, do tribalismo e do regionalismo, o que pisoteou o princípio segundo o qual, só o povo de todos os districtos é o verdadeiro autor e beneficiário da luta de libertação nacional”.^{XVII} Alguns trechos expõem os males de algum tipo de acordo com o colonialismo português e acusa a direção, sob Agostinho Neto, de método antidemocrático, afirmando que as instituições do MPLA estariam à mercê dos interesses do presidencialismo absoluto, promovendo assim “a deformação dos princípios da democracia interna que paralisou o pensamento dos militantes, [...]”.^{XVIII} O tema anticolonial perpassa todo documento, indicando que o grupo de Neto estabelecia acordos com o colonizador:

[...] As tensões sociais e os actos de coragem incentivaram-se entre os diversos sectores do povo angolano, em virtude da perfídia com que se pretende impor-lhe a ridícula liberdade de votar sim à portugalização. Existe no seio do povo angolano, uma profunda consciência patriótica, adquirida ao longo dos séculos de resistência à dominação colonial e ao fim de treze anos de luta armada da libertação nacional. CAMARADAS! O colonialismo é de facto uma bandeira apodrecida que já não pode resistir aos ventos fortes da história. É preciso combatê-los com golpes e repetidos a fim de varrê-lo, definitivamente, do solo de nossa Pátria. Enquanto o colonialismo não cede, a guerra popular continua a ser a forma principal de luta do nosso processo de libertação nacional.

A ambição sem medida das classes dominantes portuguesas colocou Portugal numa situação de dependência acentuada em relação à suas colónias. Portugal habituou-se a viver das colónias. Essa dependência tornou-se absoluta com o fascismo que, pelo seu carácter totalitário, impediu Portugal de pôr em jogo todos os seus recursos em homens e material. Portugal deixou, assim, de poder viver sem as colónias. [...] a obsessão segundo a qual a independência das colónias bloquearia o desenvolvimento sócio-económico normal de Portugal, o sentimento do pânico provocado pela ideia duma vitória, a longo prazo, das guerras populares da Guiné, Moçambique e Angola, conduzidas pelo PAIGC, FRELIMO, MPLA, o aprofundamento em círculo vicioso de todas estas contradições – tudo isso esteve na base da crise política que culminou no golpe do 25 de abril de 1974.^{XIX}

Do outro lado, o grupo de Agostinho Neto combatia as denúncias afirmando que os documentos produzidos pela oposição eram falsos, acusando-os de novos de novos inimigos de Angola:

Para esclarecimento, todo o verdadeiro angolano deve ficar a saber que esse panfleto que traz agrafado um “Apelo a todos os militantes e quadros do MPLA” foi feito em Luanda. Repete-se o panfleto não foi feito em Brazzaville, mas sim em Luanda”. [...] O que querem estes senhores? Querem que não aceitem mais o camarada Doutor Agostinho Neto como Presidente do MPLA, para o mundo inteiro deixar de acreditar no GUIA DO POVO e nunca mais podermos ter a nossa Independência.^{XX}

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

O grupo dissidente do MPLA passa, então, a ser objeto de controle e repressão. Em 03 de maio de 1976, o *Jornal Novo*, Angola, divulgava a seguinte nota, chamando a atenção para a ação da DISA (Polícia Política Angolana), que aplicava técnicas de repressão contra a oposição, com perseguição, prisão, tortura e morte de ex-militantes do Movimento. Nesta dinâmica, entre a oposição e a reação policial, o grupo da *Revolta* produzia documentos para denunciar a violenta repressão que cai sobre eles:

Todos estavam na cadeia. Todavia, a história dessa “Revolta Activa” permanece embrulhada num certo mistério que a DISA (Polícia Política do MPLA) tenta explorar em seu proveito. É que, no relativo silêncio das coisas sérias, enquanto uma batalha política de significado amplo se travava no seio da MPLA, nos anos imediatamente anteriores à independência, poucos indícios transpiravam para o exterior. Deste modo, foi possível aos partidários do regime do doutor Neto contarem à sua maneira uma história da independência com o mesmo valor de todas as histórias oficiais. [...] Ao contrário do que sucede nas outras colônias, os portugueses estão perante condições relativamente favoráveis para conseguir, em Angola, uma solução do tipo neocolonial. É neste momento que o grupo da “Revolta Activa” se fez ouvir.^{XXI}

Com a Proclamação da Independência, Agostinho Neto assume a Presidência da República e começa o cerco à oposição, abrindo-se a prática oficial de repressão da DISA (Polícia Política Angolana).^{XXII} Dalila Cabrita Mateus e Álvaro, analisando este período de repressão interna à oposição no pós-independência em Angola, destacam os eventos do 25 de maio de 1977, como ponto central da violência que se desencadeia contra a oposição. Eles afirmam que “*Purga em Angola*”, termo usado pelas forças oficiais, não se limitou a expulsar membros dos quadros do MPLA, atingiu não apenas os opositores, mas, simpatizantes, amigos e familiares dos *purgados*: “dezenas de milhares de pessoas, homens e mulheres, velhos e novos, até adolescentes, passaram pela cadeia e campos de concentração. E muitos milhares foram mortos em aterradores interrogatórios ou fuzilamentos sumários, sem sequer terem sido julgados”.^{XXIII} Na obra, *Purga em Angola (2015)*, eles apresentam um histórico e evolução dos conflitos internos do MPLA, descrevendo o aumento da violência depois da Independência, envolvendo militantes que haviam atuado diretamente nas históricas lutas de libertação:

As dissidências percorrem toda a história do MPLA. No início dos anos 60, depois de Agostinho Neto ter assumido a presidência, formam-se dois grupos: o grupo de Neto, Lara, Carreira, Aníbal de Melo; e o grupo de Viriato da Cruz e Matias Miguéis. Na Assembleia Regional da 1ª. e 2ª. Regiões, Neto desencadeia um violento ataque contra os chamados pequenos burgueses, que pretendam arrebatam a direção do Movimento. Na lógica popular, a que Neto apelara, o pequeno burguês só podia ser o branco e o mestiço, ao passo que o analfabeto só podia ser o negro. O discurso parecia ser o reflexo de divergências entre Neto e certos dirigentes mestiços, que tinham regressado às fileiras. Seria o caso de Mário Pinto de Andrade, que volta a abandonar o Movimento. Em 1969, verifica-se a rebelião de guerrilheiros da etnia mbundu, a chamada Revolta do Jibóia, do nome de guerra do seu promotor, Barros Freitas. Em princípios de 1970, um grupo de guerrilheiros avança sobre a base Ndande, exigindo regalias para as etnias do Leste. Em fevereiro desse mesmo ano dá-se a rebelião de guerrilheiros da etnia dos quiocos, num campo de Lusaca. Já em 1971, verifica-se divergências no campo Mgagão/Irinde, na Tanzânia. Neste mesmo ano, ao que parece devido a uma ordem de Carreira, verificam-se novos conflitos com os quiocos, na

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

base da Cassanga. [...] Guerrilheiros mbundu teriam afirmado não querer pertencer ao MPLA, enquanto fosse dirigido por nortistas e euro-africanos.^{XXIV}

Em 1972, membros do MPLA acusavam Agostinho Neto de prepotência e de autoritarismo, principais queixas da oposição contra ele. A partir daí, várias insubordinações e expressões de descontentamentos vão se ampliando. Alguns grupos são detidos acusados de tentativa de assassinato de Neto. Segundo documentos da PIDE/DGS, analisados por Mateus & Mateus, o MPLA estaria passando por uma crise de dissidências, que teria as suas causas longínquas em contradições internas rácico-étnico-políticas, que se agravam pelo fracasso da sua manobra de expansão para Leste e pela incapacidade de reabastecer a reativar a 1ª. Região Militar,

como resultado surge a Revolta Activa como grupo organizado. Colocando duas questões principais: a democracia no interior do movimento e a questão do processo global da luta armada de libertação nacional. Afirmam a decomposição do sistema absolutista de direcção, que ameaçava gangrenar irremediavelmente o corpo da paralisia dos quadros, da destruição das estruturas da desorganização na planificação das tarefas e na sua correspondente execução. Denunciam o fato de só uma pessoa, o presidente, conhecer a proveniência e o montante dos fundos da organização, dispondo deles sem qualquer controlo legal. [...] E destacam que qualquer crítica ao presidente era assimilada ao crime de alta traição.^{XXV}

Noutra parte da obra, eles trazem alguns relatos que afirmavam ter sido Agostinho Neto teimoso, que não gostava de críticas, por ter perfil autoritário. Há denúncias também de perseguição àqueles que não estavam de acordo com ele, conforme relato de Carreira. Conta-se que “a simples discordância podia levar a que não subisse politicamente ou até à prisão. [...] A eliminação de adversários prosseguiria. Trata-se de uma prática enraizada numa cultura de intolerância, que se foi instalando, ano após ano, durante o processo de libertação nacional”.^{XXVI} Outros relatos, analisados por Mateus & Mateus, consideram que os conflitos internos do MPLA, portanto, foi consequência do perfil de Agostinho Neto e das reações internas, com o crescente aumento da perseguição e da repressão aos opositores, desencadeando-se o processo de “caça às bruxas”, com mortes, prisões, torturas e exílio de membros da oposição.

No item “*O caso da Revolta Activa*”, os autores aprofundam as questões aqui colocadas, particularmente sobre o tratamento dado pela Direcção do MPLA aos dissidentes, basicamente nesta linha: “perseguição política, prisão, tortura, exílio e morte”. E, não apenas deste grupo da *Revolta Activa*, mas, de todos quanto se opuseram à Presidência de Neto e de sua forma de presidencialismo. A repressão também atinge a população de Angola, com número significativo de fuzilamentos, na repressão multirracial: “As liquidações físicas começaram por ser ordenadas superiormente. Depois começaram a ser feitas arbitrariamente pelo próprio pessoal da DISA, muitas vezes por meros ajustes de contas”. Em 27 de maio de 1977, “Angola perdeu muitos dos seus melhores quadros: combatentes experimentados em mil batalhas, mulheres combativas, jovens militantes, intelectuais e estudantes universitários”. E, como herança do 27 de maio de 1977, o que resta são “silêncios cúmplices”.^{XXVII}

A perseguição de antigos companheiros de luta do MPLA, ainda é objeto de reflexões nos dias atuais. Por ocasião da apresentação da obra de Manuel Videira, *Angola, um intelectual na rebelião*, na UCCLA (Lisboa, 10 de novembro de 2021), Adolfo Maria relembra os conflitos envolvendo a militância do MPLA. Ele começa falando da formação da oposição a Agostinho

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

Neto e aspectos da perseguição a antigos militantes do MPLA, que ousaram questionar o Presidencialismo de Neto, formando o *Grupo dos Dezenove*, do qual também fez parte. Importante destacar que estiveram presente ao evento do lançamento do livro de memórias de Manuel Videira, o próprio Adolfo Maria, Jean-Michel Mabeko-Tali (como prefaciador da obra), entre outros que teriam vivenciado o clima da oposição.^{XXVIII} O autor da obra apresentada e prefaciada, o médico Manuel Videira, conta que o livro representa o registro de um testemunho das lutas pelo nacionalismo angolano, os combates contra os colonialistas e a amarga experiência da repressão depois da Independência. Chama a atenção para o clima de oposição ao centralismo e autoritarismo, que se instala sob o presidencialismo de Agostinho Neto, mas também recorda ações do processo de libertação na frente Leste. No mesmo evento, Jean-Michel Mabeko-Tali destaca que a obra representa o registro da memória viva de um dos ex-combatentes da Frente Leste, com profundidade e coragem de relato não encontrado em outros lugares.^{XXIX}

Consideramos que estas memórias, e outras que não pudemos trazer ao texto pelos seus limites, são representativas do lugar enunciativo de Mário de Andrade e outros nos debates do *I Colóquio Internacional para a formação da nação nos ‘Cinco’ (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe - 1986)*. Vejamos a seguir, algumas das questões que desenvolveu no evento em torno do tema da formação de uma *consciência histórica*, como ponto de reflexão dos problemas internos na formação de uma unidade nacional, caracterizando, sob nosso ponto de vista, não apenas sua personalidade conciliatória, mas também, os silenciamentos que cercam sua condição de exilado do regime ao qual fez oposição e, possivelmente, suas expectativas de retorno à nação pela qual tanto lutou. Entretanto, como sabemos, morreu no exílio, em 1990, na cidade de Londres, sofrendo e vivendo por amor a Angola, sonhando com um regresso que nunca ocorreu, como dizem os que lembram dele.^{XXX}

Seus posicionamentos no Colóquio, como procuramos destacar no próximo item, refletem aspectos de sua natureza, de sua visão marxista da história, por onde acreditava haver indicações para a reconciliação nacional, estudando os caminhos para a união nacional. Por outro lado, apesar de não discutir os conflitos internos que vivenciou no processo de independência de Angola, ele não deixa de registrar que a união nacional nos espaços libertados só seria possível num estado democrático de direito envolvendo todos, e que esta condição não estava implantada nas ex-colônias, sendo ainda processo em construção.

A participação de Mário de Andrade no Colóquio dos “Cinco” (1986) e o tema d’“A Consciência História, Identidade e Ideologia Nacional na formação da Nação”

Depois dos embates e enfrentamentos com o poder instituído em Angola, resultando na sua expulsão do país, na prisão, perseguição e exílio de outros colegas que lutaram a seu lado, é compreensível que Mário de Andrade tenha investido no debate da formação de uma “*consciência nacional*”, em 1986. No evento, ele aborda as questões centrais que orientavam o processo de formação do nacionalismo africano, em perspectiva de união das colônias africanas que estavam sob o domínio português, entre os anos de 1950-70, ainda que reconhecendo os limites impostos pelas condições internas de cada uma delas no processo de libertação pela manutenção da presença do colonizador na transição.^{XXXI} Para ele, este era um processo ainda em construção, não tendo ainda se concluído até aquele momento da década de 1980 do evento. Cabendo, em suas reflexões, às novas gerações do pós-independência a responsabilidade de

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

traçar os caminhos para as questões de “quem somos no descoberto planetário e que futuro há para esta humanidade?”^{XXXII}

Naquele momento, ele considerava que cabia discutir as questões sob três eixos centrais: a) a questão nacional à luz do marxismo; b) o papel da consciência histórica; e c) a conexão da identidade e ideologia. Para o primeiro eixo, ele alerta que Marx e Engels não construíram um conhecimento teórico sobre a questão nacional, operatória para as situações coloniais e os povos que viriam a situar-se na periferia do sistema imperialista. E que Engels teria apresentado “uma previsão parcialmente errada”, ao dizer que

Do ponto de vista das colônias propriamente ditas, isto é, os países ocupados por uma população europeia, o Canadá, o Cabo, a Austrália serão todas independentes; inversamente, os países habitados por indígenas que são simplesmente subjugados – a Índia, a Argélia, as possessões portuguesas, espanholas – deverão ser provisoriamente tomadas a cargo pelo proletariado e conduzidas o mais rapidamente possível à independência. [...] Mas igualmente adverte que o proletariado vitorioso não pode impor nenhuma felicidade a um povo estrangeiro, sem comprometer assim sua própria vitória.^{XXXIII}

Na sequência ele comenta o pensamento de Rosa Luxemburgo, Otto Bauer, Lenine e outros, que discutem a questão da legitimidade histórica do fenômeno nacional, e dos movimentos nacionalistas, pela questão das condições de autodeterminação dos povos, trazendo outros olhares marxistas sobre a questão:

A teoria marxista exige expressamente que a situemos num quadro determinado. Por conseqüente, se o que queremos, sem jogar com definições jurídicas, nem inventar noções abstractas, mas analisando as condições histórico-econômicas dos movimentos nacionalistas é compreender em que consiste a livre determinação das nações, chegaremos sem dúvida a esta conclusão: por auto-determinação das nações entende-se a sua separação das colectividades nacionais estrangeiras, entende-se a formação de Estados nacionais independentes.^{XXXIV}

Noutra parte de sua Comunicação, ainda debatendo a questão da visão teórica marxista, Mário de Andrade enfatiza fatores essenciais para a formação de uma consciência histórica nacional, tais como: a língua, o território, a vida econômica ou a comunidade de cultura, que desempenham o papel de motor ou de acelerador do processo de organização dos homens em nações. Sobre a “consciência histórica”, ele se apoia nas ideias de Lévi-Straus que considera “qualquer sociedade que ‘viveu, durou, portanto, mudou’ é sempre a sede de uma história”. Deste pensamento, ele conclui que seria certo afirmar que as sociedades africanas deveriam possuir uma visão própria do seu passado, do seu presente e do mundo, vinculadas pelos traços singulares de seu desenvolvimento. Sobre isso, Mário de Andrade também cita Joseph Ki-Zerbo, que distingue a intemporalidade e a dimensão social pela seguinte perspectiva histórica:

Tudo se passa como se em África a permanência das estruturas elementares das comunidades de base através do movimento histórico tivesse conferido a todo o processo um caracter popular muito notável. A fraca envergadura das sociedades fez da história uma questão de toda a gente...; a fraca amplidão do espaço histórico estava ao alcance da apreensão de cada um. Daí a inspiração ‘democrática’ incontestável que anima a concepção da história pelos africanos, na maior parte dos casos.^{XXXV}

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

Em consequência, continua ele, “os desequilíbrios internos, aliados aos traumatismos e agressões externas que se conjugaram para fragmentar as sociedades do continente agiram sobre a consciência de responsabilidade do homem africano, enquanto ator da sua própria história”.^{XXXVI} Estas são questões que levaram os ideólogos da libertação colonial a seguirem uma dada concepção de autoconscientização histórica, considerando-se que “os intelectuais africanos enraizavam as profundas motivações do seu combate numa tradição que remonta ao século XX”. Mário de Andrade propunha, neste ponto, a busca de uma “consciência de iniciativa histórica”, para integrar valores ancestrais, valorizar o espírito de luta e as motivações contra a dominação estrangeira, lembrando o Manifesto do M.A.C. (Movimento Anti-Colonial) dos anos 1950:

O passado doloroso de África, enuncia o ‘manifesto’, jamais se repetirá na História dos nossos povos. E a condição básica para isso, sabemos estar numa autêntica política de promoção popular, de concessão efectiva de condições e oportunidades para o aproveitamento e desenvolvimento máximo de todas as potencialidades humanas e materiais de África. A experiência colonial servir-nos-á para nos persuadir daquilo que não devemos fazer.^{XXXVII}

Deste aspecto, ele segue para a percepção de que se trata de um momento histórico de deslocamentos, de passagens da instância dita tradicional para o tempo histórico da modernidade. Nesta parte da reflexão, Mário de Andrade chama a atenção para a perspectiva marxista, que ajuda a pensar o processo de transição de povos tradicionais para um estágio moderno. Nesta parte de suas reflexões, visualizamos aproximações críticas com seus posicionamentos anteriores. Ao tratar da questão dos “partidos únicos” nos tempos modernos, ele considera que o “partido único não é necessariamente mediação do processo nacional”, pelo contrário se trata de um pensamento autocrático.^{XXXVIII}

Sobre o terceiro eixo, a formação da identidade e ideologia, Mário de Andrade diz que a identidade é uma categoria do movimento de libertação nacional que mantém relação estreita com a ideologia, vista pela perspectiva positiva, por ser entendida como fator de coesão dentro das individualidades e diferenças. A perspectiva ideológica assim pensada seria aquela que “além de congregar energias para promover atitudes e fins comuns a toda a sociedade, a ideologia dominante é também o que decide da forma que as instituições devem tomar em cada circunstância e da orientação a dar aos esforços de todos”.^{XXXIX} Esta perspectiva, para ele, é válida porque “a nação procede de um interminável combate dos povos pela sua existência e pelo reconhecimento dos seus valores onde afluem as mais diversas contribuições em todos os domínios e aspectos da vida”. Para assim se configurar, como obra da comunidade, dizia ele: é preciso se ter o aparecimento dos sujeitos culturais em democracia, capazes de se opor às manipulações dos espíritos, em suma, à ideologização da história.^{XL} Também nesta parte de sua Comunicação, visualizamos tentativas de debate sobre o tema da democracia, que faz relação com sua oposição passada, mas, que não desenvolve para o caso de Angola, abordando de forma muito geral.

Por outro lado, e se considerarmos suas condições de exilado e os silenciamentos em torno de suas ações nas lutas de libertação, reconhecemos que ele fez tentativas de abordar questões centrais dos embates passados ao reconhecer que “o processo de formação das nações nos países emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa não está sistematizado”. Nesta parte, observamos que ao longo do trecho ele se volta para as questões da integração étnica, defendendo a coesão histórico-cultural dos povos que participaram nas lutas de

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

libertação, como forma de cooptação de seus interesses comuns e como condição democrática para reconhecimento de seus valores, envolvendo a formação de uma língua, uma organização social e um projeto econômico comum.^{XLI}

Considerações Finais: na perspectiva dos organizadores do evento

Conforme vimos dissertando, na condição de exilado angolano, enfrentando situação de confronto com o poder político que se estabelece em Angola, Mário de Andrade foi um dos participantes do 1º. Colóquio dos “Cinco”, abordando particularmente o problema da formação de uma *Consciência Histórica*, de base teórica-filosófica, com algumas tentativas de debater a questão do Estado democrático de direito dos povos.^{XLII} Neste sentido, apesar da chamada para o debate dos conflitos internos provenientes do processo de independência, consideramos que o debate ficou limitado aos problemas étnicos e mais teóricos, não havendo referências às questões políticas envolvendo os grupos no poder e a violenta repressão que se desencadeava sobre os opositores, ainda que tenha feito chamada para a importância de um Estado democrático de direito como condição para a unidade nacional.

Para fechar um entendimento dos posicionamentos de Mário de Andrade no evento, como exilado de Angola, nosso enfoque central neste trabalho, compreendemos que houve dois orientadores de sua abordagem no debate: um de base subjetiva, ligado à sua natureza conciliatória, reflexiva e teórico-filosófica, a partir de sua visão marxista do mundo. O segundo pela sua condição política, como exilado, envolto num clima de controle da fala, pelos relativos silenciamentos que se institucionalizaram na história da libertação de Angola, não apenas em torno da figura de Mário de Andrade, e que no tempo presente tem sido objeto de maiores discussões em Angola, pelo observado nos depoimentos e memórias.

Na sessão de encerramento do Colóquio, em 1986, alguns Delegados se pronunciaram oferecendo um balanço do 1º. Colóquio dos “Cinco”^{XLIII}, que é significativo para compreendermos algumas reflexões por parte daqueles que participaram do evento e a forma como outros personagens também avaliam os conflitos da formação nacional. Tomemos o caso de Moçambique, para pensarmos as questões dos silenciamentos sobre os conflitos internos, envolvendo grupos no poder ainda vigentes à época do evento, que deverá nos ajudar a pensar também a condição de Mário de Andrade.

Consideramos que os debatedores internacionais, fora dos espaços dos “Cinco”, que participaram do evento deram mais visibilidade aos problemas dos conflitos internos. Ainda que não cite nomes de personalidades e partidos, fizeram referência ao mandonismo local que se estabeleceu com o processo de transição nestes espaços em meio às questões colonialistas e imperialistas. Um dos debatedores mais destacados do evento foi Samir Amin, representando o Forum Tiers Monde – da UNU (Université des Nations Unies) e Diretor do Programa de Estratégias pelo futuro da África, comenta a apresentação de Lars Rudebeck (Professor da Universidade de Uppsala, Suécia). Para Samir Amin, sua fala teria sido corajosa, ao declarar que a burguesia que ascendeu à chefia do Estado em muitos dos novos países, “tendo embora um projeto de se erigir em classe dirigente participação no sistema capitalista mundo pela gestão do ‘excedente’ nacional, mostrou historicamente não ser capaz de realizar esse projeto, porque a isso a impedem tanto o imperialismo como os interesses diferentes das camadas populares do respectivo país”. Ele faz uma crítica às ditaduras que assumem estes espaços, alertando que

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

“dificilmente o Partido único, na prática, consegue assegurar a democratização necessária às populações”.^{XLIV}

Na sequência, e na mesma linha, intervém Abdoulaye Bathily, Prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Dakar, fazendo referência ao fato da “aparente deficiência de formação ideológica que terá acompanhado a luta de libertação e se faz sentir ainda hoje”. Segundo ele, havia a necessidade de se “conhecer bem quais as forças sociais que tomam o poder no início das independências, de modo a compreender os insucessos de várias revoluções africanas em comparação com revoluções levadas a cabo noutros espaços da terra e notoriamente mais bem sucedidas”. Ao final, ele considera que ainda havia “o problema da resistência dos camponeses, ligando-se a questão da democratização do Estado e até do Partido, pronunciando-se negativamente pela garantia de suficiente democratização com o Partido único”.^{XLV}

Também destacamos aqui, Massamba Lamé, da Universidade de Dakar, sua Comunicação chama a atenção para as questões étnicas, alertando sobre a urgência de se aprofundar a investigação sobre a base cultural em que assentavam as civilizações africanas antes da colonização. Pois, segundo ele, “não se pode colocar a essas civilizações problemas ‘modernos’ que não assentam nas bases culturais africanas”. Mais adiante retoma a palavra, para responder questionamento, e reafirma a “importância de não se transportarem divisões étnicas para o nível estatal”, apoiando igualmente uma forte ligação Sul-Sul”.^{XLVI}

Neste momento do debate de encerramento, também foi dada a palavra a Mário de Andrade. Ele responde uma questão levantada pelo Prof. Bathily, informando que haveria uma futura publicação que recolheria os trabalhos apresentados no Colóquio, onde deveria constar um texto sobre Moçambique, que venha a completar os informes apresentados por Manuel Lemos a respeito do Arquivo Histórico de Moçambique, o Arquivo de S. Tomé, e cita que a recolha de documentos para os Arquivos Históricos também se passava em Angola e Cabo Verde, aprofundando sua fala para as questões ligadas à documentação para estudos da consciência histórica.^{XLVII}

De um modo geral, observamos pelas sessões de encerramento que os temas mais sensíveis e polémicos foram tratados por representantes fora dos espaços dos “Cinco”, à exceção os representantes da Guiné-Bissau e Cabo Verde, que não deixaram de chamar o debate para os problemas étnicos, da cultura da língua e religião, bem como as situações sociais precárias observadas na população, envolvendo as especificidades de cada povo proveniente da situação colonial portuguesa na África.

Os que se pronunciaram nas sessões de encerramento concluíram que a formação das nações africanas pós-colonial ainda constituía um processo cheio de contradições e entrechoques entre tendências socialistas com necessidades próprias do capitalismo, mais tendências estatistas. Tratando-se de um “cenário histórico, considerado maior do que o da conquista das independências”.^{XLVIII}

Ao final, o Prof. Samir Amin é convocado a apresentar uma reflexão sobre os temas mais polémicos em torno do Estado e etnias. Outros palestrantes pedem que ele profunde em sua exposição o conceito de *etnia* e que estabeleça a distinção entre esta e formação social. O prof. centra sua resposta na explicitação do conceito de “desconexão”, centro – periferia e os problemas de uma formação social na mundialização. E que, “a lógica capitalista, na sua dimensão mundializante, encarava o nacionalismo como um entrave ao desenvolvimento”.^{XLIX} E segue analisando a “desconexão” nos “Cinco”, como processo contraditório entre as

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

tendências capitalistas e as tendências socialistas, sobretudo inexpressivas e contraditórias nas classes mais desfavorecidas, restritas a uma classe de autonomia de expressão. Havendo, portanto, a necessidade de democracia. Neste momento, o Prof. Samir Amin conclui que “a democracia eleitoral, assim como a democracia participativa, pode em certos casos não ser mais do que farsas”.^L Porque o que se tem é uma “tendência estatista”. Sobre a *consciência histórica*, ele afirma que a questão da etnia ou proto-nação é uma realidade social que não é imposta pelo fato da existência de uma língua, ou duma mitologia comuns, porque estes e outros elementos do mesmo gênero não permitem a emergência duma consciência ativa”.^{LI}

Fechando o evento, o Diretor do INEP, Carlos Lopes, conclui que foram três dias de debates intensos em torno dos problemas da construção nacional em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, citou o nome dos que compareceram e dos que faltaram ao evento, pontuou aspectos positivos do encontro e a particularidade de ter sido sediado num dos países africanos que participaram do processo de transição, vendo neste ponto o avançar destes espaços para o campo das reflexões de suas próprias condições políticas depois de terem suas situações discutidas por séculos pelos colonizadores. Do resultado dos debates, chega à conclusão da necessidade de reforçar o apoio da investigação científica como premissa à compreensão dos fenômenos contemporâneos da África por ela mesma. Conclui reconhecendo que os debates provocaram reações e paixões mobilizadoras de esforços teóricos e filosóficos, mas que também serviu para despertar um clima de cumplicidade manifesta entre os africanos representantes dos Cinco, com efeitos multiplicadores para o pós-evento.

Notas

^I Docente do Departamento de História da Graduação e da Pós-Graduação em História da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), desde 2004. Doutora em História desde 2002 pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Texto resultado de Projeto de Pesquisa com apoio da UFRPE.

^{II} ANDRADE, Mário Pinto. “*Consciência Histórica, identidade e ideologia na formação da Nação (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. p. 32. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84859 (2022-1-18)

^{III} Cf. LOPES, Carlos. “*Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe) (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-2) p. 30-32.

^{IV} Cf. CARDOSO, Carlos (UEL). “*Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe) (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-2) p. 44.

^V (1986), “Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe)”, Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-6-1)

^{VI} Cf. BARROS, Eduardo J. “*I Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos Cinco - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-2) p. 100.

^{VII} Idem.

^{VIII} Cf. ANDRADE, Mário Pinto. “*Consciência Histórica, identidade e ideologia na formação da Nação (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. p. 32. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84859 (2022-1-18)

^{IX} Idem.

^X Cf. RAMALHO, Vitor. “A liberdade morre no exílio”. *O Jornal* (Angola), 31.08.1990. Caderno Opinião, p.15. Cf. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85246 (2022-5-29)

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

^{XI} Cf. LOPES, Carlos. “*Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe) (1986)*”. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-2) p. 30-32. p.35

^{XII} Cf. LUAMBA, Manuel. “MPLA em dívida com Mário de Andrade”. *DW, Luanda*, 03.09.2018. Cf. <https://www.dw.com/pt-002/mpla-em-d%C3%ADvida-com-m%C3%A1rio-pinto-de-andrade/a-45335412>, acesso 27.04.2022.

^{XIII} ROCHA, Edmundo. Palestra “Mário de Andrade sob o olhar de Edmundo Rocha (III) - Crise Interna e partida para o exílio”. In: *Jornal de Angola* (2010). Publicação do Jornalista André da Costa. Cf. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mario-de-andrade-sob-o-olhar-de-edmundo-rocha-iii-crise-interna-e-partida-para-o-exilio/>, acesso em 27.04.2022.

^{XIV} Cf. RAMALHO, Vítor. “A liberdade morre no exílio”. *O Jornal* (Angola), 31.08.1990. Caderno Opinião, p.15. Cf. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85246 (2022-5-29)

^{XV} Idem.

^{XVI} Cf. “*Apelo a todos os militantes e quadros do MPLA*”, 1974. Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10200.003.003> (2022-4-29)

^{XVII} Idem. p. 9.

^{XVIII} Idem. p. 10.

^{XIX} Idem.

^{XX} Cf. “Compatriota Angolano. Vigilância! Vigilância! 12 de maio de 1974. Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_83904 (2022-4-29)

^{XXI} Cf. AFONSO Manta (1976). “*Jornal Novo*”. Segunda, 3 de maio de 1976, Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85843 (2022-12-15)

^{XXII} Idem.

^{XXIII} MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola: o 27 de maio de 1977*. 10 ed. Alfragide: Editora Texto, 2015. p. 9.

^{XXIII} Idem.

^{XXIV} Idem. p. 33-34.

^{XXV} Idem. p.33-34

^{XXVI} Idem. p.37.

^{XXVII} Idem. p.63, 152 e 195.

^{XXVIII} Cf. MARIA, Adolfo; MABEKO-TALI, Jean. *Apresentação da obra “Angola, um intelectual na Rebelião”, de Manuel Videira*. UCCLA-Lisboa: 10 de novembro de 2021. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=YInLhLwOFLQ>, acesso em 31.04.2022.

^{XXIX} Idem.

^{XXX} Cf. RAMALHO, Vítor. “A liberdade morre no exílio”. *O Jornal* (Angola), 31.08.1990. *Caderno Opinião*, p.15. Cf. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85246 (2022-5-29)

^{XXXI} Cf. “Consciência Histórica, identidade e ideologia na formação da Nação”. 1986. *Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade*. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84859 (2022-1-18)

^{XXXII} Idem. p.2

^{XXXIII} Idem. p.3

^{XXXIV} Idem.

^{XXXV} Idem.

^{XXXVI} Idem. p.4

^{XXXVII} Idem. p.4-5

^{XXXVIII} Idem. p.5/1

^{XXXIX} Idem. p.5/2

^{XL} Idem. p.5/2

^{XLI} Idem. p.6/1

^{XLII} Cf. “*Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe)*”, 1986. *Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade*. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-22). Na sequência citaremos apenas o número dos documentos deste arquivo em particular. Doc.212.

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

^{XLIII} Cf. Acta da 5ª. Sessão dos Trabalhos. “Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe)”, 1986. *Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade*. Disponível: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-22) - Documentos 204-208.

^{XLIV} Cf. Acta de Encerramento da 5ª. Sessão dos Trabalhos. “Colóquio Internacional - A Formação da Nação nos cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe)”, 1986. *Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade*. Disponível: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84856 (2022-5-22) - Documentos 206-208.

^{XLV} Idem. Doc. 206.

^{XLVI} Idem. Doc. 207.

^{XLVII} Idem. Docs. 206-207.

^{XLVIII} Idem. Doc. 197.

^{XLIX} Idem.

^L Idem.

^{LI} Idem

Referências

ANDRADE, Mário Pinto. *Origens do nacionalismo africano*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

LIMA, Matheus Henrique da Silva. “*Dos interesses do império português à uma subversão ao colonialismo: a Casa dos Estudantes do Império, a poesia de combate e a relação com o(s) nacionalismo(s) (1944-1965)*”. Dissertação (Mestrado em História). PGH-UFRPE, 2021

LOPES, Carlos. “África e os desafios da cidadania e inclusão: o legado de Mário de Andrade”. *CLIO – Série Revista de Pesquisa Histórica*. n. 26-1, 2008. p.34-58.

_____. *A construção da nação em África*. Os exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, Colóquio INEP/Codesria/Unitar, Bissau: INEP. 1989.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. *Apresentação e comentários da obra [memórias] “Angola, um intelectual na Rebelião” de Manuel Videira*. Lisboa, UCCLA, 2021. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=YInLhLwOFLQ>, acesso em 31.04.2022

_____. *O MPLA perante si mesmo (1962-1977)*. Luanda: Nzila, 2001. 2v.

MACEDO, José Rivair. “Intelectuais africanos e estudos pós-coloniais: considerações sobre Paulin Hountondji, Valentin Mudimbe e Achille Mbembe”. *Revista OPSIS (On-line)*. Catalão-GO, v. 16, n. 2, p. 280-298, jul-dez. 2016.

MARIA, Adolfo [nacionalista angolano, consta no grupo dos dezenove]. Apresentação da obra “Angola, um intelectual na Rebelião”, de Manuel Videira. Lançamento na UCCLA, 10 de novembro de 2021. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=YInLhLwOFLQ>, acesso em 31.04.2022.

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADRE E OUTROS EX-LÍDERES DO MPLA NO “I COLÓQUIO INTERNACIONAL: A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS CINCO (ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE (1986)”

SILVA, G. B.

MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. *Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 em Angola*. Dissertação (Mestrado em História). UFF-PGH, 2012.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura. *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, 2000. In: Fundação Mário Soares/AMS - Arquivo Mário Soares. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_82697 (2022-4-28)

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola: o 27 de maio de 1977*. 10 ed. Alfragide: Editora Texto, 2015.

PACHECO, Carlos. *MPLA - um nascimento polémico (as falsificações da história)*. Lisboa: Vega, 1997. Cf. Fundação Mário Soares/Francisco Marcelo Curto. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_82694 (2022-4-28).

RAMALHO, Victor. “A Liberdade morre no exílio”. *O Jornal* (Caderno Opinião, p.15), 31.08.1990. Cf. Fundação Mário Soares/Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85246 (2022-4-28)

RAMOS, Justino da Glória. *Angola pelos caminhos da paz: guerra e diplomacia (1975-2002)*. Luanda: Mayamba Editora, 2018.

ROCHA, Edmundo. Palestra “Mário de Andrade sob o olhar de Edmundo Rocha (III) - Crise Interna e partida para o exílio”. In: *Jornal de Angola* (2010). Publicação do Jornalista André da Costa. Cf. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mario-de-andrade-sob-o-olhar-de-edmundo-rocha-iii-crise-interna-e-partida-para-o-exilio/>, acesso em 27.04.2022.

SÁ, Ana Lúcia. A ideia de pós-colônia em cientistas sociais africanos na diáspora. In: *7º Congresso de Estudos Africanos (ISCTE)*. Lisboa, 2010. Cf. <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/37298/21940> / Acesso em: 06/04/2022.

SANTOS, José Francisco dos. *Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países em conflitos com Portugal no cenário da Guerra Fria*. PGH-PUCSP, 2015.

VIDEIRA, Manuel. *Angola, um intelectual na Rebelião*. Lisboa: Editora Guerra & Paz, 2021.